



Assignatura

Assignatura em Ovar, semestre 500 rs.
com estampilha..... 600 rs.
Fóra do reino accresce o porte o correio.
Annunciam-se obras litterarias em roca de dous exemplares.

Pagamento adiantado

Redacção e administração
Rua d'Arruella n.º 119

Director e editor—Francisco Fragateiro

Administrador—Antonio José Pereira Zagallo

Publicações

Publicações no corpo do jornal 60 rs. a linha.
Annuncios e comunicados, a 50 rs. a linha.
Petições..... 25 rs. a linha
Annuncios permanentes 5 »
Folha avulso..... 40 reis

Séde da imprensa
Rua da Fabrica, n.º 11—Porto.

O POVO D'OVAR

LOPO VAZ

Finou-se ha dias este vulto, talvez o primeiro politico do seu tempo.

Sente deveras a sua falta o partido regenerador, ao qual estava servindo de chefe. Não é só o habil director que desaparece, é tambem o despertar d'ambições que brotam perante o logar proeminente que o fallecido deixou vasio.

Todos os partidos constituídos soffrem quando desaparece no tumulo uma das individualidades que se salientam; porém no partido regenerador, onde militam muitos homens distinctos cheios de desejos de mandar, a falta d'uma d'essas individualidades constitue serios perigos, porque podem, em um instante, rebentar graves dessidencias, que transformem o partido em minusculas patrulhas eguaes ás do *borto-franco*.

O SACRIFICIO

É duro vêr que o sacrificio imposto á nação soffre excepções, tanto mais odiosas quanto são os privilegiados da fortuna, que os gosam.

A nação, com um stoicismo digno de melhor sorte, acceita os gravosos impostos com que a sobrecarregou o governo, certa de que o gravame é absolutamente necessario para levantar a Patria do abatimento e do desprestigio, em que a lançaram annos e annos de pessima administração partidaria.

Só se comprehende bem o sacrificio olhando para a complicada crise, que vamos atravessando, tão funda e tão dura que ao mesmo tempo lança na corrente da emigração centenas de familias e faz estender a mão á caridade publica grupos de operarios aos quaes falta trabalho.

Aggravam este estado de cousas as industrias nacionaes pedindo protecção. E a protecção, que lhes concede, encarece os generos essenciaes á vida, sem que se veja o Trabalho encontrar melhor remuneração.

Espanta ver o povo tão submisso, sem se revolucionar, mesmo quando os proprios jornaes partidarios declaram que, se chegamos ao estado precario e critico, em que nos encontramos, é isso devido apenas aos desperdicios de loucas administrações.

Antes de pagar os impostos, que se lhe exigem, o povo podia perguntar se já haviamos

apurado todos os creditos do thesouro.

E o governo havia de responder que ao Estado ainda se devem centenas, mesmo milhares de contos.

Quem?

Não são os pobres, porque, para esses, teem os escrivães de fazenda dos respectivos concelhos sempre promptas as execuções fiscaes, e, se as não fizessem, seriam logo admoestados pelos seus superiores hierarchicos.

Os ricos, os poderosos, os grandes influentes e os altos burocratas podem á vontade dever ao thesouro contribuições importantes, porque ninguém os incommodará!

Sabe-se já que essas dividas montam a centenas de contos. Porque não os obriga o governo a entrar immediatamente com as quantias em divida?

Não o fazendo commette um erro, que pôde ser uma desgraça para a nação.

Em o povo vendo que o sacrificio que lhe exigem não é justo, nem tão pouco proporcional talvez se lembre de dizer—*é demais*. E desde então não haverá discursos capazes de o convencer.

O AUXILIO AOS BANCOS

E' medonha a derrocada financeira.

Ao mesmo tempo que o thesouro publico mostra a sua penuria, os bancos mostram a sua insolvencia. Como se todas estas instituições fizessem parte d'um só mecanismo, movido por uma só engrenagem.

O Estado pede dinheiro ao povo: os bancos pedem dinheiro ao Estado. E povo e estado e bancos atravessam uma crise terrivel, uma falta de dinheiro nunca vista.

E' este o ultimo periodo do regabofe constitucional.

Vivemos dezenas d'annos á larga, sem deitar contas ao dia d'amanhã. Gastamos o que não tinhamos, e os juros capitalizados e sobrecarregados com as famosas *luvas* dadas aos banqueiros, atiram-nos para a insolvencia, mas para a insolvencia vergonhosa, porque os crédores não nos largam a porta.

Uma desgraça e uma vergonha.

Mas por desgraça foi o governo arrastar consigo as demais instituições do credito.

A pessima e desmoralizadora administração do Estado corrompeu tudo. Os bancos entraram em toda a casta de syndicatos, pagaram luvas, remuneraram á falta os seus em-

pregados—foram victimas tambem da praga do funcção-nismo.

Por isso chegou para todos, ao mesmo tempo, o *dies irae*.

*

O povo tem de socorrer o Estado, em nome da salvação publica—soccorrendo-o, salva-se a si porque o Estado é o seu representante.

Mas nada o obriga á socorrer os bancos, instituições puramente particulares. Se más administrações os levaram á ruina, soffram os que, sendo interessados, não velaram devidamente pelos seus capitaes.

Pois não está o povo pagando a sua falta de cuidado em escolher os melhores administradores dos seus dinheiros?

E com que direito pedem os bancos auxilio pecuniario ao governo?

Deram, por ventura, algum dia esses bancos dinheiro ao governo sem as necessarias garantias e sem os juros respectivos?

Não.

Porém os bancos, os syndicatos, os simples banqueiros estavam acostumados a saccar a esmo centenas de contos do thesouro, allegando simples conveniencias publicas.

E por isso o dinheiro desaparecia das arcas do thesouro publico e novos impostos se seguiam a novos emprestimos.

*

Porém agora os tempos mudaram.

A licção do snr. Marianno de Carvalho deve ter aproveitado sobremodo aos futuros governantes.

Os bancos, os syndicatos não verão mais um real do thesonro publico.

Soffram sós dos prejuizos a que as suas esbanjadoras administrações deram causa.

Novidades

Espancamento—Manoel Pinto Balas, da Gesteira de Vallega queixou-se na administração do concelho de que sexta-feira havia sido espancado por João e Manoel filhos de João Lopes da Silva Pinto, de S. João de Vallega.

Roubo de lenha—Segundo nos consta os roubos de lenha na Estrumada são constantes; contudo no Tribunal judicial é raro apparecer um processo crime a esse respeito.

Ultimamente só o Quinito e o Jarraes alli têm vindo accusado pela camara e pelos guardas. E' caso para se dizer:—todos os passaros comem trigo e quem o paga é o pardal.

Verdade, verdade, o Quinito e o Jarraes não são dos peiores

quinhoeiros da Estrumada; mas são só elles?

D'esta vez foi um condemnado a 3 dias de prisão e outros tantos de multa, e o outro a 20 dias de prisão.

O Quinito para mostrar quanto eram exaggerados os depoimentos dos guardas trouxe para os paços do concelho o pinheiro que havia cortado na Estrumada.

Estradas—Nós nem sequer já pedimos que se concentrem as estradas do governo.

Mas do mal o menos.

A pedido d'alguns individuos que fazem parte da Ordem Terceira andaram, os cantoneiros a limpar a estrada no sitio das Pontes da Graça, afim de que podesse passar por alli a procissão.

Ora é isto mesmo que nós pedimos que os cantoneiros façam no resto das estradas, dentro da villa. Já que não arranjam calhau para compôr as estradas, tirem-lhe ao menos a lama para acabar com os chiqueiros, que por ahi ha a cada passo.

A politiquice—Na verdade a politica das terras pequenas toma ás vezes uma feição bem caracteristica: de tudo se faz questão, mas com uma pequenez de vista, que chega a espantar. Lá vae mais um caso.

Ha dias a politica partidaria impoz ao sr. Abel Lamy, escripturario da fazenda n'este concelho que fosse ajudar a tirar uma copia do recenseamento eleitoral. A politica não devia fazer isto porque tendo mais gente, que podia fazer tal serviço, escusava de ir lançar na discussão aquelle empregado publico. Não ficava mal á politica mais um pouco de cuidado e de respeito pelos interesses dos pequenos.

O sr. Abel Lamy cumpriu, como não podia deixar de cumprir as ordens da politica, porque se o não fizesse ver-se-hia talvez obrigado a arranjar as malas e partir para outra terra. Isto toda a gente o sabe.

Por isso pediu licença ao seu chefe, o sr. escrivão da fazenda para faltar á repartição dois ou tres dias. O sr. Huet de Bacellar não podia, nem devia negar tal licença, porque sendo o sr. Lamy um empregado digno e excessivamente trabalhador tem direito a gosar, como qualquer outro empregado de licença.

Obtida a licença, estava o sr. Lamy no direito de applicar o seu tempo e o seu trabalho ao que quizesse—tanto fazia a tirar copias do recenseamento politico como a pescar roubalos ou caçar rolas.

Ora a *politiquice* da terra é que não entendeu o caso assim; e como em tudo quer metter o nariz, entrou o sr. Abel Lamy na dança.

Foi o "Ovarense," que se encarregou de dizer cobras e lagartos do sr. Lamy accusando-o aos superiores.

Ora o "Ovarense," devia lembrar-se de que o sr. Lamy não tem culpa alguma de ser obrigado a tirar as copias do recenseamento, porque é um empregado dependente—de que outros empregados progressistas teem feito o mesmo sem que ninguém extranha se isso—de que os empregados da camara faltam varias vezes e ninguém repára—de que o sr. Lamy está no direito de pedir licenças por dois ou tres dias e que estas são concedidas pelo chefe da repartição.

A politica, embora sertaneja, não deve descer a *coisitas* tão pequenas.

Como se desee—Nunca gostamos de ver um rapaz descer, embora elle seja nosso adversario politico. Um rapaz, que cae, é uma esperança a menos, e nós ainda temos esperança de ver regenerada a nossa terra.

Temos visto ha tempos a esta parte o snr. Angelo Lima mettido em taes questiunculas que deveras o lastimamos. Para qualquer processo infrinçado, onde a politica precise de uma testemunha lá apparece o snr. Lima.

O ultimo foi aquelle em que é accusado o snr. administrador do concelho por um facto... que não é crime: o primeiro foi aquelle em que era queixoso Manoel Antonio Lopes Junior. Infelizmente em todos os processos, em que tem jurado, o snr. Angelo Lima tem mostrado uma queda especial para ser boa testemunha.

Sentimos deveras isto, creia o snr. Angelo Lima; e sentimo-lo mais por si do que pelos individuos contra quem jurou e a quem nenhum mal pode fazer.

Pelo caminho, que segue, vae muito errado e, se não, olhe para Antonio Valle e Frederico Abragão. O primeiro cansou-se de fazer serviços á politica, fez-lhe tudo: o segundo fez só o que lhe convinha, procurando manter-se a certa altura.

O resultado foi este—do primeiro, porque desceu muito, ninguém fez caso e agora contentam-no com uma cadeira de ensino primario lá para Maceda; emquanto que o segundo foi nomeado escrivão de juiz de direito e continua a merecer as boas graças da politica.

Parece-nos que este exemplo é por deveras frizante.

Embora o snr. Angelo Lima precise de ganhar, deve aguentar-se a certa altura, quando não vae... para Maceda.

Bem vê que o advertimos sem rancor, nem facciosismo; e avisamol-o mais por si do que por nós.

Pode ser que a politica venha especular com esta nossa indicação, fazendo-a attribuir a má vontade da nossa parte. Porem isso pouco nos importa, porque nem aqui dizemos mal do snr. Angelo Lima, nem tão pouco lucrámos ou perdemos com que as nossas palavras sejam menos bem interpretadas.

Procissão—Sahirá hoje a procissão de Passos se o tempo o permittir.

As capellas estarão abertas.

Iluminação publica

Cada vez peor a iluminação publica. Rara é a noite em que a maior parte dos candieiros se não apagam antes da meia noite.

Queríamos pedir providencias: Mas a quem?

Nada. E' melhor deixar correr tudo á vontade.

Theatro—Como noticia-mos já, hoje haverá espectáculo no nosso theatro.

Além do drama—*Feio do corpo e bonito da alma*—, subirá á scena as comedias—*O cornetim do meu visinho*—*Por causa do meu relógio*—e uma cançoneta.

Fazem parte da *troupe*—F. Valle—J. Ramos—A. Pimenta—A. Saldanha—J. Marques—S. Bastos—Brandão—e outros de cujos nomes nos não recordamos.

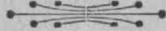
E' ensaiador o sr. dr. João Maria Lopes e ponto o sr. Francisco Marques.

Fallecimento—Falleceu na quinta-feira á noute a sr.^a D. Rachel Camello, victima d'uma phthisica.

A s. ex.^{ma} familia sentidos pezames.

Casamento—Na quinta-feira casaram na nossa igreja matriz o nosso amigo o sr. Abel Pinho com a sr.^a Maria José Coentro.

Aos noivos os nossos parabens.



ENYGMATA

Pertencem ao feminino
Antes d'isto vir a ser,
Pensa bem, leitor, sem elle
Não poderemos viver

Não se encontra a peso,
Mas tambem não é cereal.
Pode-o a natureza produzir,
E n'esse caso é mineral.

Espera um pouco, leitor,
Isto não vae a matar;
Para o tornar masculino
Ha-de-o homem trabalhar

Ovar 24—3—92.

F. A.

O enigma do numero antecedente é

Fumo

Litteratura

MÃES...

Um bello dia de maio, alegre e festivo, embora no coração dos dois rapazes houvesse o luto de uma separação saudosissima. Porque é preciso que se saiba que tanto o José da tia Brigida como o Roberto moleiro, dois rapazes valentes como armas, eram extremos pelas suas velhotas a quem serviam de esteio. Mas o maldito phylloxera matava desapiedadamente os vinhedos, trazendo a miseria á gente do sitio: era preciso pão... expulsar o terror que os manietava assombrando a sua alma dolorida, pela desolação que se espalhava em torno! E um dia, um triste e nevoento

dia passou pela aldeia um homem de fronte tisonada pelos calores tropicaes, um quasi nada rude e começou a fallar-lhes no Brazil...

—um bello paiz, terrenos virgens para amanhar, muito ouro, um futuro solidamente garantido!... Vejam vocês o Cruz!—dizia: Quem o viu ainda ha poucos annos ao peso do trabalho para colher uns magros vintens! O Brazil? bella terra... lá ninguem se sustenta a pão e cebolla como vocês aqui fazem!

Alimentos bons, bons conductos, e... o que fez o Cruz? Deixou para ahí á revelia a sua pobre enxada e hoje é commendador: bons predios que tem deve-os á famosa fortuna que fez nas terras de Santa Cruz. Haves de vê-lo barão, que vol-o digo eu, com grandes braços sarapintados nas portinholas da traquitana!—E com estas e outras razões convincentes de mais, para quem se encontrava n'um desabrigo medonho, lá se iam retirando ranchos de rapagões como torres, em busca de melhor sorte, emquanto de peitos amigos saham fundos suspiros... —que Deus os leve em bem—e faziam-se preces fervorosas.

O caso é que o José da tia Brigida e o Roberto moleiro deixaram-se, como tantos outros, embalar pelas promessas do allucador e n'um bello dia de maio, alegre, festivo, saham da aldeia.

—Adeus boas velhinhas!—Olhae que vamos fiados nas vossas preces ao Senhor!...

O coração opprimia-se fortemente e como que uma força poderosa os cingia ao lar!

Mas, o Brazil, bello paiz, terrenos virgens para amanhar e muito ouro... muito!...

Passaram-se mezes e noticias do Rio eram anciosamente esperadas pelas duas mães, que continuavam a acariciar projectos sorridentes de felicidade futura; e quando de manhã o João correio trazia a correspondencia, era de ver a attenção com que as duas escutavam as narrativas minuciosas exaradas em longas cartas, d'onde resaltava uma saudade intensa e não menos intenso soffrimento. Emfim a esperança... alguma coisa de imprevisto... quem sabe lá?!

As mães! eram como as açucenas, perfumando o lar com a esperança constante, bemdita!

E ficavam-se á lareira, ás vezes, horas esquecidas, architectando na sua phantasia carinhosa, uns castellos engrinaldados onde viviam como dois principes, os seus rapazes! Como seria bello tudo!

A tia Brigida muito dada a promessas devotas, esperava convicta poder edificar uma ermida á Senhora das Angustias, e traçava planos:—muito ar, muita luz, janellas rasgada por onde o sol entrasse largamente, alegremente, até ir rojar-se n'uma humildade cariciosa aos pés da Senhora, dourando ao de leve a fimbria do seu manto de seda finissima, da mais rica, olá da mais rica!

E o espaço sahia dos seus labios, n'uma expansão anciosa, commovente:—que a santa os proteja!

—Olá, bom dia:—e á porta do casebre, o João correio revolvia a sacca das cartas.

—Quieta, Russa... o diabo da multa parece trazer hoje o demonio na espinhella!

—Espere lá, tia Brigida, com licença:—e lendo vagarosamente:—Padre Mauricio, Costa da Venda, morgado do Portal, André ferradar... quieta, Russa, com mil diabos! ha, Brigida Casaleira; prompto. Boas novas e passar bem. Vamos lá, Russa, que vaes apanhar um calor...—e partiu chicoteando a mulla.

O Cosme que foi soldado do 7, encarrega-se de ler a correspondencia:—vamos lá.

Uma tremura convulsiva, nervosa, se apodera nas duas mães.

—Um calor infernal por aqueles Brazis,—lia o Cosme—trabalhos continuos, tudo caro e muitos rosos. De resto dois vagarosos abraços para matar saudades e boa dóse de esperanças!

Lagrimas enormes deslisavam nas enrugadas faces das duas velhas: uma fé santa, persistente, enorme, punha nos sens espiritos attribulados a scintillação d'uma esperança.

—Que o ceu os proteja!—diziam, esperando sempre!...

Nunca mais vieram noticias: de balde o João correio buscava na sacca das cartas alguma dirigida ás velhas do casebre:—nada, mesmo nada: anda Russa! Vamos a vêr amanhã tia Brigida: com licença; anda Russa!...

E as duas ficavam-se a olhar o João correio que se afiastava, como que petrificadas pelo terror que as assaltava n'aquella situação dolorosa.

—E diziam elles que o Brazil, bello paiz... o inferno!—gritava a tia Brigida; e cahia n'uma explosão de choro affictivo, dilacerante.

A's vezes passava alli o Cruz, parava o lasão e inquiria noticias.

—Não é para todos, pois então que julgam?—começava elle —dias abafadiços no interior das florestas, sempre expostos a perigos medonhos, agora as febres que rapam uma pessoa em menos de tres dias. Ora adeus; sabem que mais, mulhersinhas? não os deixassem ir.—E ficava-se a arasar meia hora, descrevendo as suas façanhas sertão dentro; d'uma vez que uma preta amorosa o quizera matar com bebidas envenenadas...—o diabo, tiasinhas! —e lá se ia sacudindo a moscaria impertinente, que ameaçava faltar ao respeito devido a um commendador da Conceição, com tirocino nas roças do café!

Foram passando semanas e o desanimo apoderava-se já do espirito das velhas do casebre. O João correio nem se dava ao trabalho de procurar na sacca das cartas, seguia sempre, chicoteando a Russa.

A porta do casebre, em dia de ardentissimo de julho, parou um homem mal vestido, pallido, de barba hirsuta.

Depois de contemplar demoradamente a aldeia, quasi solitaria áquella hora de calor, chamou pela tia Brigida.

A esta voz as duas velhas saltaram para fóra do casebre e emquanto mãe e filho se abraçavam doidamente, n'uma expansão de jubilo sem limites, a outra, a mãe do Roberto, extatica, pallida como defunta, mal se atrevia a preferir vagamente, como um sus-

piro, esta phrase de uma dôr intraduzivel—só!...

Então José arrancado-se dos braços da mãe, ficou-se perturbado, indeciso: depois cobrou animo e resumiu a narração dos factos.

—Foi n'um dia em que a desesperação era augmentanda pela sede ardentissima: matto dentro, quasi exausto pelas privações continnas, o Roberto, mal podendo andar, viu-se perdido e ape-gou-se á Senhora das Angustias. Louvado Deus, tão longe, a Senhora nem o ouviu, decerto.

De quinze que se compunha a ranchada, dez tinham ficado pelo eaminho, mercê da piedade dos negros, se alguns sabem o que isso é.

Eu continuava resistindo sempre e quando algum perigo maior nos ameaçava, ia apertando muito de encontro ao peito aquelle saquito de santos, que vocemecé, mãe me deu na vespero da partida. Era uma fé que eu tinha.

—Por fim o Roberto ficou-se tambem como outros e eu... vi-o morrer debaixo d'um cipó enorme debaixo de ramarias que se entrelaçavam nas outra arvores como grandes serpentes. Não quiz mais; esmolei uma passagem a bordam d'um paquete e quando respirei o ar do mar e vi tremular no tope do mastro grande a bandeira da minha patria, foi como se um corpo novo tivesse vindo substituir o meu pobre corpo.

—A bordo era tal a minha alegria que o capitão honrado como poucos, deu-me dispensa do serviço da camara a que me tinha obrigado para pagar a passagem. Emfim posso morrer! Cá está o encalipto junto ao tanque; o casebre; lá em baixo o cerrado da nossa horta e primeiro de tudo isso, vocemecé, minha boa mãe!...

A' tarde, na aldeia, não se fallava senão da volta do José da tia Brigida e tal foi o terror produzido pelo fatal exemplo, que de balde o homem tisonado pelos calores tropicaes, um quasi nada rude, tentava convencer os rapazes do sitio:—O Brazil, bello paiz, terrenos virgens para amanhar, um futuro solidamente garantido!...

—T'arrenego! —exclamavam as mães ameaçadas: e queimavam á lareira, raminhos de alecrim bento.

Luiz Trigueiros.

CORRESPONDENCIAS

Coimbra 24 de março de 1892

Realizou-se aqui, domingo, a procissão dos Passos com uma concorrencia espantosa.

E' certo que esta procissão costuma ser das mais concorridas; porém, este anno, a concorrencia, como disse o povo d'aqui, foi muito superior á dos ultimos annos anteriores. A's 5 horas da tarde, começou ella a desfilar da Sé-Nova para o Carmo, passando por varias ruas da cidade alta e da baixa.

Atraz, seguia-se uma enorme massa de povo, formada, em grande parte, pelos estudantes. Estes são sempre infalliveis em occasiões d'estas,

tão proprias para poderem apreciar e criticar as differentes caras, tão frequentes pelas janellas, ou para jogar as suas piadas que, por mais asperas que sejam, não se estranham. Assim quando a procissão desfilava pela rua das Fangas, apparecendo a uma das janellas um mercieiro de cara gorda e vermelha, de careca nedia e lustrosa, começaram logo os estudantes a troçal-o. Como o mercieiro desse sorte, a troça augmentou desafortadamente.

A' passagem do Arco d'Almedina, lá estavam os garotos a postos e munidos de cacetes; porém este anno não me constou que houvesse ferimentos graves. Bom foi isso.

A' entrada do Carmo juntou-se muitissima gente, formando massa tão compacta que com bastante difficuldade se respirava alli. Eu, que por acaso lá me encontrei, vi-me em calças pardas para poder entrar na igreja, suando por quantos póros tenho.

Por esta occasião, presenciei algumas scenas interessantes e outras dignas de dó.

Assim vi uma senhora, de meia idade que, sahindo da sua seriedade, começou a distribuir soccos e lamparinas para um e outro lado como querendo abrir largueza; e raparigas á descompostura a alguns estudantes que astinham belliscado;—mas a par d'isto vi algumas creanças que gemiam por debaixo do povo e principalmente uma que levantaram meia morta, esmagada pela massa de gente.

Depois de ter entrado o Senhor na igreja do Carmo houve um sermão que não sendo muito grande, impressionou vivamente.

Porém que differença entre a procissão dos Passos aqui, e aquella que é feita em Ovar!...

E' verdade que este anno, podia rivalisar com ella em concorrencia e excedel-a na fórma com que ia disposta; mas emquanto ás imagens nem, pelo menos, se assemelham, está muitos furos abaixo.

Aqui as capellas dos Passos, são ainda inferiores áquella primeira capellita do Senhor do Poço. Na maior parte d'ellas, as imagens são pintadas e não gravadas em madeira como em Ovar onde por isso esta procissão se torna tão notavel.

Este mez de março, tem corrido, por aqui, muito desagradavelmente; a principio, uma chuva miuda, acompanhada d'um constante furacão, encommodou-nos devéras; depois vieram uns tres dias agradaveis que foram logo seguidos d'uma chuva torrencial que produziu uma enorme enchente no Mondego; e, por fim, succederam uns dias d'um calor abafadiço que incutiam a molleza nos membros, convidando-os a um *dulce faz mente*; seguidos d'uma trovoadas que rebentou hontem sobre esta cidade.

Dizem que o mez de fevereiro enganou a mãe, prometendo-lhe um dia lindo e, assaltando-a com uma saraiuada; porém eu digo que março está enganando o pae, promettendo-

lhe dias lindos e, assaltando-o com chuvadas.

Teve hontem lugar, em Santa Clara, a feira dos 23, sendo muitissimo concorrida desde pela manhã até á noute.

Anda-se demolindo uma grande parte da ponte, que dá passagem da cidade para o bairro de Santa Clara, afim de brevemente, quando o Mondego permittir, se recommencarem os trabalhos da avenida que tão grande incremento vai dar a Coimbra.

Teve hoje lugar a primeira recita dada pelos quintanistas.

Foi hontem n'esta cidade a *cerração da velha*.

Correu algum tanto desanimada, a não ser da parte d'alguns estudantes que, ainda assim mesmo, tentaram animar este dia.

Principalmente uns dois irmãos, conhecidos vulgarmente pelo nome de *Cabeçudos* (Arthur e João) fizeram por ahi um chinfrim medonho.

João Varino.

Porto, 24 de março de 1892

Principio hoje por fornecer n'esta minha correspondencia semanal, um punhado de noticias das mais importantes que aqui occorrerem e que cheguem ao meu conhecimento durante o curto periodo da semana.

Causou aqui profunda consternação a morte do conselheiro Lopo Vaz de Sampaio e Mello. O partido regenerador perdeu com a sua morte um dos vultos mais notaveis das suas fileiras.

Realisou-se no domingo passado, no salão da Liga das Artes Graphicas do Porto, uma conferencia a que presidiu o snr. dr. Julio de Mattos, director do Hospital do Conde de Ferreira, secretariado pelos snrs. capitão Fernando Maia, e Manoel Ramos.

A conferencia teve por fim prestar homenagem ao emminente vulto portuguez Anthero de Quental.

Foi conferente o snr. dr. Luiz de Magalhães, que no seu discurso appreciou Anthero de Quental, como publicista, poeta e philosopho. E' um trabalho devéras para admirar, assim o entendeu a numerosa assembleia que enchia o vasto salão da Liga, que victoriou o conferente com prolongadas e calorosas salvas de palmas.

A sala achava-se artisticamente ornamentada sobressahindo ao fundo o retrato de Anthero, pintado a oleo.

Foram distribuidas duas poesias, uma de Anthero de Quental e a outra do poeta portuense, Manoel de Moura.

A casa da sociedade tem estado em exposição.

Reuniram no domingo passado varias associações de socorros mutuos.

Passou na segunda feira o 4.º anniversario da grande catastrophe do theatro Baquet.

Suffragando a alma dos infelizes que pereceram n'essa terrivel desgraça rezaram-se varias missas nas egrejas de Agramonte, Carmo e Santo Ildefonso.

Durante o dia houve uma continua romagem de pessoas a caminho do cemiterio de Agramonte, a regar com lagrimas o sarcophago das victimas que encontraram uma morte tão horrivel.

Entrou o nosso porto e veio ancorar na Ribeira a canhoneira «Zambeze».

E' tripulada por 117 marinheiros da armada.

O snr. Heliodoro Salgado tomou conta da direcção politica do jornal portuense a «Portugueza».

Realisa-se hoje á noite no theatro Infante D. Affonso um espectáculo variadissimo, para despedida da actriz Sophia d'Oliveira. Tomam parte em especial obsequio á promotora, as atrizes Thereza Prata, Isabel Morini e Emilia Eduarda, do theatro Principe Real; Dores Brêa e os actores Carlos Santos e Machado. Abrilhamtam o espectáculo um grupo de amadores portuenses.

Na proxima correspondencia darei conta do desempenho do espectáculo.

Sophia d'Oliveira é uma artista de merecimento e por isso digna de todas as sympathias.

A Federação das Associações operarias recebeu varios donativos para os operarios sem trabalho.

Abre no proximo sabbado a feira de S. Lazaro, no Campo 24 de Agosto.

Termino despedindo-me dos leitores do *Povo de Orar* até á semana

Oliveira.

Snr. redactor.

Pedimos a V. se digne publicar no jornal «O Povo de Ovar», de que é muito digno director, o facto que abaixo expomos para impugnar o procedimento d'alguns conterraneos.

Agradecendo-lhe, desde já nos subscrevemos de V., etc.

A corda do sino

Ha tempos mandaram para aqui a varios patricios umas circulares em que pediam um peculiosinho para ajuda da compra do sino do SS. Coração de Jesus.

Como fosse dos assumptos em que a urgencia se não requer aguardamos os factos.

D'ahi a dias apparece-nos o jornal de V. e o celebre «Ovarense»; este patrocinava a ideia da commissão que V. não advogava, objectando-lhes que a compra, visto ser de somenos importancia, meia duzia a poderia custear quanto a quota os não sobrecarregaria excessivamente, evitando assim de

bater á porta do proletariado, que se vê quotidianamente a braços com a carestia para debellar a fome. Isto é mais do que racional, é logico. Nós somos de ahi e para ahi tendem sempre as nossas aspirações. Que envidamos todos os esforços para o engrandecimento da nossa terra, soccorrendo o quanto podemos está mais que visto! Isto compete-nos porque cumprimos o dever de filhos.

Um dia estavamos em qualquer parte e por acaso a palestra versou sobre o sino: fechamos um pacto e submettemos ao cambio 40\$000 reis para pagar a assignatura do «Ovarense», e o resto reverteria em favor da compra a effectuar. Não obstante termos de pagar a assignatura em nosso debito e o director ou o quer que fosse do alludido jornal fazer parte da commissão, como se vê da ante-penultima assignatura da circular, Placido Augusto Veiga, dirigimos-lhe o dinheiro crendo peremptoriamente que nos participaria quanto antes a entrega e qual a parcella que entrara na lista dos donativos.

Francamente não conhecemos o tal snr. Veiga apesar de lhe mostrarmos confiança, encarregando-o d'uma missão assás airosa e honorifica para sua pessoa. Se por ventura a importancia é diminuta ao pé de quantias avultadas e não é digna de receber reenviasse-a.

Fique sabendo que os patricios nossos que fixaram residencia n'esta metropole seriam os primeiros a pagar o sino se as cousas cantassem d'outra maneira, pois d'entre elles não encontrará um que chore a sua dadiwa. Assim nos conservamos até agora mezes e mezes consecutivos que tomámos ainda assim como causa secundaria; mas qual a nossa indignação ao vermos o despalante de nos suspendéros; jornaes quando já devia ter recebido a assignatura e o obulo para a commissão.

Este facto não se tolera por ser uma incivildade dirigida contra os que n'elle depositaram confiança. Contudo a leviandade ou o quer que fosse que o poz em silencio e nos fez eliminar do numero dos assignantes sem fundamento algum, dá or gem a que muitos digam que o dinheiro foi para a corda do sino e, com o modo que lhe é peculiar, pode para a outra vez vir pedir mais para compor o sacrista que será attendido.

Emquanto ao jornal nenhum de nós fez empenho em o receber por isso pôde ficar sabendo que tal comportamento não nos faz mossa; o que nós lamentamos mais é alguns troçarem com a applicação do dinheiro dizendo que foi para a tal corda. Relegamos para bem longe qualquer offensa que não está na nossa intenção dirigir, sómente mostramos que somos expansivos e que pedimos uma satisfação que julgamos de justiça.

Rio de Janeiro 7 de Março de 1892.

Manoel Gomes Lucas
Alfredo Ferreira da Cunha.

Annuncios

Venda de terra

Vende-se uma terra lavradia, em cabeceiro do pinhal sito, no Brejo d'esta villa, que foi de Manoel Antonio d'Oliveira Faustino.

A venda realiza-se ou em leilão ou particularmente.

Quem quizer comprar dirija-se a João Alminha, da Praça, até ao dia 27 de Março do corrente anno

OVAR

JOAQUIM MARIA DA SILVA

ALFAIATE

Trabalha pelo systema francez e inglez.

Obras baratas pelo preço do Bernardo d'Arruella.

Bom córte e boa execução.

Qua dos Lavradores n.º 19

OVAR

Gazeta dos tribunaes administrativos

Publica-se por series de 12 numeros, devendo publicar-se regularmente 2 numeros em cada mez.

Conterá, além d'accordãos de diversos tribunaes de primeira e segunda instancias, artigos sobre direito e forma de processo, especialmente administrativo. Publicará tambem a legislação mais importante que se fór promulgando, já no proprio jornal, já em separado, se este a não poder conter mas sem augmento de preço para os senhores assignantes.

Preços da assignatura

Por serie de 12 numeros (6 mezes)..... 1\$200

Por duas series (um anno) 2\$400

Não se acceitam assignaturas por menos de 12 numeros, pagas adiantadamente.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para a Redacção da «Gazeta Administrativa» — Villa Real.

GRANDE BARATEZA

ANTONIO DE SOUZA CAMPOS

RUA DA GRAÇA (ás pontes)

OVAR

Faz lembrar aos seus amigos e ao ill.^{mo} publico, que tem no seu estabelecimento um lindo e variado sortido de fazenda de lã e d'algodão, bem como miudezas, chapéus e guardaçoos, colarinhos, punhos etc, etc., que vende por os preços antigos.

Tem além d'isto um lindo e variado sortido de flannels d'algodão, cacinettes, pannos familias e domesticos, chitas pretas, brancas e de côr; riscados, zephires, lenços de malha, de merino e d'algodão, chailes pretos e de côr, merinos pura lã, grande sortido de casturinas o que ha de mais moderno, flannels de lã, picotilhos, cheviotes e cazemiras pretas e de côr, nacionaes e estrangeiras, etc, etc.

Fitas para capuchos, colletes d'espartilho, sapatos de liga e ourello, camizollas de malha, de lã e d'algodão tanto para homem como para senhora, botões de phantasia pretos e de côr, para casacos de senhora, guarnições de seda e de lã para os mesmos, bonets em todos os feittos para criança, toucas, etc.

E além d'isto muito mais coisas que é impossivel annunciar.

Aproveitar pois, que fazendo assim baratas pouco tempo as compram; em vista dos cambios estarem altos e os novos direitos na alfandega.

Encarrega-se tambem de qualquer encomenda tanto do Porto como de Lisboa.

LÉO TAXIL

OS MYSTERIOS

DA

FRANC-MAÇONARIA

VERSÃO PORTUGUEZA DO

P.^o FRANCISCO CORREIA PORTOCARREIROCom uma dedicatória
do auctor a sua magestade

A RAINHA D. AMELIA

Com auctorisação do em.^{mo} e rev.^{mo} sr.

CARDEAL D. AMERICO

BISPO DO PORTO

Obra que mereceu um breve
de S. Santidade Leão XIII, animando-o,
e abençoando-o, e que foi louvado
pelos ex.^{mos} e rev.^{mos} srs.Arcebispo de Paris, Arcebispo
de Rennes, Bispo de Montpel-
lier, Bispo de Coutances, Bispo
de Sez, Arcebispo de Gran, Ar-
cebispo de Turim, Bispo de Sois-
sons, Arcebispo de Colocza, Ar-
cebispo de Auch, Arcebispo de
Napoles, Bispo de Rodez, Bispo
de Bayeux, Arcebispo de Cham-
bery, Bispo de Bannes, Bispo de
Marselha, Arcebispo d'Aix.A obra constará de dous vol-
umes distribuida em fasciculos
de 32 paginas de texto com qua-
tro ou mais gravuras. Preço de
cada fasciculo 100 reis, pagos no
acto da entrega; para as provin-
cias é franco de porte. Os assi-
gnantes da provincia pagarão de
cinco em cinco fasciculos, envian-
do-se-lhes n'essa occasião o com-
petente recibo. Concluida a pu-
blicação será elevado o preço.Distribuir-se-hão tres fascicu-
los por mez. Todas as pessoas
que angariarem dez assignaturas
e se responsabilisarem pelo seu
pagamento, receberão um exem-
plar gratis.Acceitam-se correspondentes
nas terras onde os não ha; a
commissão é de 20 p. c., garan-
tindo mais de cinco assignaturas.Assigna-se em todas as livra-
rias do reino e em casa do edi-
tor Antonio Dourado, rua dos
Martyres da Liberdade, 113—
Porto, a quem deve ser dirigida
toda a correspondencia.

BIBLIOTHECA ECONOMICA

PARA RICOS E POBRES

100 REIS CADA VOLUME

DE

300 A 430 PAGINAS

Os romances, mesmo os maio-
res, nunca excederão o preço de
400 ou 500 réis, como por exem-
plo o celebre romance OS MY-
STERIOS DE PARIS, (5 volu-
mes) que nos propomos publicar
mais tarde, e que apenas custará
CINCO TOSTÕES!!!

Romances publicados:

Fromont Junior e Risler Senior

POR

ALFONSE DAUDET

UM TIRO DE REWOLVER

POR

JULIO MARY

A este seguir-se-hão—O Cas-
tello da Raiva de L. Stapleau—
Um drama de revolução de Er-
nesto Daudet Mont Oriot, de
Guy de Maupassant.—O grande
industrial e Sergio Panine de
George Ohnet.—Clotilde de Al-
phonse Karr.—Sapho de A. Dau-
det.

CONDIÇÕES DAS ASSIGNATURA

Lisboa e Porto, cada volume
pago no acto da entrega 100
réis.Provincias, ilhas e ultramar,
cada volume, franco de porte
120 réis. Pagamento adiantado.Assigna-se em Lisboa no es-
criptorio da Empreza da BI-
BLIOTECA ECONOMICA, T.
da Queimada, 35.

REPERTORIO SYNOPTICO

DA

LEGISLAÇÃO PORTUGUEZA

POR

J. GARCIA DE LIMA

Cada fasciculo em formato
grande, bom typo e bom papel
100 réis; pelo correio 105 réis.
Requisições á Empreza Editora
—LETRAS E LEIS.A cobrança é feita por séries
de seis fasciculos.—Beco da Amo-
reira, 9, 3.^oNo prélo:—Diccionario de Ju-
risprudencia e Legislação Portu-
gueza. Preço do fasciculo 100 réis;
pelo correio 105 réis, pedidos á
empreza editora —LETRAS E
LEIS.

OS BURROS

OU

O REINADO DA SANDICE

Poema heroico-comico, satyrico,
em seis cantos, reproduzido
in-extenso com todas as liber-
dades do original.

Preço, br. . . . 300 réis.

Pelo correio franco de porte a
quem enviar a sua importancia em
estampilhas ou vale do correio.A' Livraria—Cruz Coutinho
—Editora. Rua dos Caldeireiros,
18 e 20—Porto.

AS VICTIMAS DA LOUCURA

Ultima publicação de

XAVIER DE MONTÉPIN

Versão de JULIO DE MAGALHÃES

EDITORES—BELEM & C.^a
26, Rua do Marechal Saldanha
26—Lisboa.

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA

OS

Companheiros do punhal

POR

L. STAPLEAUX

Romancedramatico da maior sensação
ILLUSTRADOPor semana uma caderneta ao
preço de 60 réis.Publicada a 1.^a caderneta e
á venda n'esta localidade e nos
escritorios da Empreza editora,
1, rua de D. Pedro V, 3 e 5,
Lisboa, onde se dirigirão os pe-
didos.

VENDA DE CASA

Vende-se uma casa terrea, na
rua dos Ferradores, que foi de
Anna Zagalla, com poço e um
grande quintal.Quem pretender comprar di-
rija-se a José Maria Pereira dos
Santos.

PRAÇA—OVAR

O BARATEIRO

LOJA DE FAZENDAS

DE

ARNALDO A. DA SILVA MOURA

PRAÇA D'OVAR

Faz lembrar a todos os seus
amigos e freguezes, bem como ao
respeitavel publico, qua tem no
seu estabelecimento um lindo e
variado sortimento de fazendas
de todas as qualidades, das quaes
menciona:Flanellas d'algodão, cheviotes
pannos familias e domesticos, chi-
tas pretas, brancas e de côr, ris-
cados, zephiros, lenços de varias
qualidades, chailes pretos e de
côr, nacionaes e estrangeiros, me-
rinos de pura lã, castorinas as
mais modernas, picotilhos, case-
miras pretas e de côr tanto na-
cionaes como estrangeiras, camiso-
las de malha de lã e de algodão
tanto para homem como para sen-
hora, botões de phantasia pretos
e de côr, guarnições de seda e lã,
bem como muitos outros objectos
existentes na sua loja, que é im-
possivel annunciar.Tambem faz publico que no
seu estabelecimento vende fato fe-
ito, tanto para homem como para
creanças, comprehendendo calça,
collete e casaco de varias quali-
dades e boa casemira, bem como
se encarrega de qualquer peça
d'obra que lhe encomendem.Vende tudo por preços sem
competidor. Portanto meus ami-
gos e freguezes, é aproveitar
antes que venham os nossos direi-
tos d'Alfandega porque depois
tudo sobe.

A ESTAÇÃO

JORNAL ILLUSTRADO DE MODA
PARA AS FAMILIASPublicou-se o n.^o
de 1 de JulhoPreços: 1 anno réis
4\$000—6 mezes 2\$100
rs.—Numero av. lso rs.
200.LIVRARIA CHARDRON, LU-
GAN & GENELOUX, SUC-
CESSORES—PORTO.

MANUAL

DO

PROCESSO ADMINISTRATIVO

pelo

DR. AUGUSTO CESAR DE SA
JUIZ DE DIREITO, SERVINDO NO TRIBUNAL
ADMINISTRATIVO DE VILLA REAL

Preço de cada fasciculo, 120 réis.

Póde ser requisitado a Raul
de Sá—Editor do MANUAL
DO PROCESSO ADMINISTRA-
TIVO—VILLA REAL.Manaus, Pará, Maranhão, Ceará, Peruambuco,
Bahia, Rio de Janeiro, antos e outros
portos do BrazilVendem-se passagens a preços **multo r eduzidos** p
ra todos aquelles portos dos Estados Unidos do Brazil.Tambem **se dão passagens gratuitas** para os portos
acima mencionados a individuos solteiros, homens ou mulhe-
res e familias inteiras, ficando livres de quaesquer compro-
missos e podendo á sua vontade empregar-se em qualquer
trabalho e residirem onde quizer.Vendem-se tambem a preços commodos passagens para
os diversos portos da Africa Portugueza, Occidental e Orien-
tal.Preparam-se todos os documentos necessarios e aprom-
ptam-se gratuitamente.Dos seus amigos e freguezes esperam os abaixo assigna-
dos. agentes das companhias se lhes dirijam para obter
qualquer passagem.Os agentes em Ovar,
Antonio da Silva Nataria
Antonio Ferreira Marcellino.

Africa Portugueza

CARREIRA DE MAGNIFICOS PAQUETES DE
COMPANHIAS PORTUGUEZAS PARA A AFRICA
OCCIDENTAL E ORIENTALPreços resumidos muito inferiores ás tabellas das ou-
tras agencias: para S. Thomé 34\$000 réis; Ambriz e Loanda
38\$000 réis; Benguella 142\$000 réis; Mossamedes 46\$000 réis.

BRAZIL

Para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Rio
Grande do Sul, e mais portos, e pelos paquetes das Compa-
nhas Mala Real Portugueza, Mèssageries Maritimes, Mala
Imperial Allemã, Pacifico e Chargéurs Reunis, vende-se pas-
sagens por preços muito reduzidos. Preço minimo em 3.^a
classe 27\$000 réis.Pelos paquetes das mesmas Companhias, tambem se
concedem passagens GRATUITAS a familias de artistas, tra-
balhadores e lavradores; homens com mulher e filhos, netos
ou enteados, mulher casada, com seus filhos ou netos, pae
com um ou mais filhos ou netos, avó ou avó com seus des-
cendentes, homens casados ou solteiros e mulheres casadas
ou solteiras, com tanto que sejam validos e queiram ir em-
pregar-se LIVREMENTE, nos trabalhos que mais lhes con-
venha, em diferentes provincias do BRAZIL, os quaes teem
á sua chegada ao Rio de Janeiro, hospedagem GRATIS du-
rante 8 dias, e transporte tambem GRATIS para qualquer
terra para onde perfiram ir viver.Passagens em todas as condições e negocio tratado
com seriedade.Para esclarecimentos e contracto, dirigir unicamente em
—Ovar, Antonio Conceição, praça e rua dos Campos e em
Aveiro, Manoel J. Soares dos Reis, rua dos Mercadores, 23.

A AVÓ

POR

ÉMILE RICHEBOURG

Romance traduzido da nova edição
correcta e augmentada pelo
auctosSairá em cadernetas semanaes
de 4 folhas e estampa 50 réis.EDITORES BELEM & C.^a

ELEMENTOS

DE

GEOGRAPHIA ECONOMICA

(Agrícola, industrial e commercial)

POR

JOSE NICOLAU RAPOSO BOTELHO

Major de infantaria
e ex-professor do Lyceu Central
do Porto—
PORTO

Magalhães & Moniz—Editores

CONSULTORIO

MEDICO-CIRURGICO

DE

MOLESTIAS DE SENHORAS
E CRIANÇAS

DAS MEDICAS

Laurinda de Moraes Sarmiento

e

Amelia de Moraes Sarmiento

CONSULTAS

Das 11 horas da manhã ás 3 da tarde
Chamadas para PARTOS a qualquer hora

579, RUA DO ALMADA, 579

PORTO